



# “Eu sei os planos que tenho para vocês e são planos de esperança”

Carta aos  
irmãos  
MARÇO 2024

**I**ntitulo esta carta fraterna com o anúncio central que o profeta Jeremias envia ao seu povo, exilado na Babilônia. O profeta anuncia que Deus tem planos para o seu povo, e são planos de paz, portadores de esperança<sup>1</sup>. Deus anuncia esperança a um povo exilado, em pleno sofrimento, através de Jeremias.

Decidi escrever esta carta, porque acredito que a esperança é, talvez, o anúncio que o nosso mundo, as nossas sociedades, a nossa Igreja, as nossas crianças e os nossos jovens mais necessitam. E, é bom reconhecer, nós, os Escolápios, que também precisamos anunciar a esperança para nós mesmos. Embora seja publicada em março, esta carta está escrita no Advento, tempo de espera ansiosa por Aquele que vem permanecer, para sempre, entre nós.

Quando olhamos para o nosso mundo, é fácil cair na tentação da desesperança. Vemos guerras, violência injustificada, mesmo contra crianças, movimentos migratórios incompreendidos e tratados sem solidariedade. Vemos também legislação desumana, desejo de poder e riqueza, desigualdade injusta. Assistimos a uma degradação da casa comum sem que os poderes públicos se importem muito. Quando vemos as nossas crianças e jovens, sentimos o desafio de alimentar a sua alegria, os seus sonhos, os seus desejos de um mundo melhor, muitas vezes truncado por uma crise de sentido, uma crise do futuro, até uma crise de fé. A lista de desafios humanos que vivemos seria interminável e justifica um sentimento de desânimo. Esse também é um sentimento humano.

.....  
1.- Jer 29, 11

E devemos respeitá-lo e acolhê-lo como um apelo à nossa vocação.

No entanto, acredito que o que o nosso mundo precisa, mais do que nunca, é de uma *profecia da esperança*. O profeta, sabemos, tem uma missão composta por duas dimensões inseparáveis: *clarificar o presente e propor o futuro*. E ambas as coisas desde a perspectiva de Deus. Essa é a missão do profeta Jeremias, belamente expressa naquela mensagem que envia – em nome de Deus – aos exilados na Babilônia

Como essas pessoas receberiam esse anúncio de esperança? É possível que não lhes faltasse um certo ceticismo, causado pela realidade que viviam. Como podemos anunciar esperança aos nossos jovens, às nossas famílias, aos nossos meninos e meninas, aos nossos irmãos, à nossa Igreja, às nossas sociedades? Que contribuição de esperança podemos e devemos contribuir, como filhos de Calasanz, neste mundo em que vivemos? Acho que estamos diante de uma reflexão importante, na qual devemos nos aprofundar. Gostaria de fazê-lo sob três pontos de vista: o da **fé**, o da **educação** e o da **nossa vida cotidiana**.

**Para a pessoa de fé**, para uma Ordem religiosa, as situações sombrias não devem esconder a esperança. A esperança é uma virtude teológica, vem de Deus. Não é o mesmo que otimismo, que é simplesmente um estado de ânimo. Falamos sobre esperança. São muitos os exemplos que nos podem ajudar a compreender como a esperança existe e cresce também em situações difíceis. Sempre me fez pensar muito que São João da Cruz escreveu o seu Cântico Espiritual nas trevas da prisão, ou que Santa Teresa de Jesus escreveu o seu livro “As Mansões ou o Castelo Interior” no meio da perseguição. O conteúdo de algumas cartas de Paulo, escritas na prisão e no meio de perseguições e dificuldades, é impressionante. Sempre me fez pensar que Calasanz, em meio à crise das Escolas Pias, chamava os Escolápios a permanecerem unidos e alegres, confiando em Deus e trabalhando pelas crianças.

As pessoas de fé não esperam –simplesmente– por tempos melhores. Não. Hoje é o dia. Hoje é o momento em que devemos trabalhar por um novo mundo. Sempre gostei desta definição de fé no Espírito Santo: acreditar na fecundidade do presente. É no presente onde o Espírito Santo atua. Essa é a nossa fé. A Martin Luther King, um dos mais fortes profetas da esperança, portador do sonho de um novo mundo, é atribuída esta significativa frase: “*Se eu soubesse que o mundo acabaria amanhã, continuaria plantando uma árvore hoje*”. O presente em que vivemos é o lugar da esperança; e nesse presente somos chamados, pela fé, a procurar e gerar sinais de vida e de esperança. Essa é a nossa missão.

A esperança é filha da fé. E as pessoas de fé, se forem autênticas, são portadoras de esperança. Estou certo de que um mundo em colapso só pode ser sustentado por grupos de fé, por pessoas que confiam em Deus e que sabem que são portadoras de uma promessa. Essas pessoas emergem com força no meio do nosso mundo e geram uma resposta de vida. Naquela Roma dilacerada pela injustiça social, pela doença e pela pobreza, um homem de fé gerou uma resposta de esperança: as Escolas Pias.

Passo ao segundo ponto da minha carta: **uma educação para a esperança**. A educação sempre olha para o futuro. Sempre. Procuramos preparar os nossos alunos para um mundo que ainda não existe, mas que eles têm de criar e construir. Como podemos fazer isso? Não vou escrever um tratado educativo sobre a esperança. Vou simplesmente dar um nome ao que sabemos fazer, ao que sabemos que funciona e que não podemos esquecer. Existem alguns dinamismos educativos que estão depurados na nossa tradição e nas nossas escolas e creio que devem ser sistematicamente reforçados. Cito brevemente alguns deles:

- a. Uma educação na fé que ajude os nossos jovens a olhar para além de si mesmos e do seu mundo, por vezes, pequeno, ajudando-os a descobrir e a experimentar que Deus confia neles, que Deus conta com eles e que é digno de fé. A fé abre horizontes e os leva à plenitude. Provoca audácia e paciência, como em Calasanz.

- b. Uma educação no sentimento de fraternidade, na chamada “cidadania global”, que ofereça aos nossos alunos o horizonte de um mundo diferente, um mundo que eles possam transformar. Uma educação que lhes permita vivenciar e compreender o valor da solidariedade, do compromisso e da fraternidade. Uma educação tocada pela experiência do outro, do diferente.
  - c. Um processo educativo em que se sintam ouvidos, acompanhados e curados nas suas feridas e desilusões, em que os educadores escolápios apostam verdadeiramente neles e no seu futuro. Um processo que provoca perguntas e incentiva a encontrar respostas.
  - d. Uma educação vocacional, em que possamos oferecer aos alunos horizontes de uma vida mais ampla, não fechada a esquemas sociais ou curriculares. Uma educação que provoque crescimento, opções e projetos de vida, e que alimente esses projetos a partir de uma consciência de humanidade.
  - e. Uma educação integral, que busca garantir que cada aluno cresça em todas as suas dimensões, inclusive acreditando na vida e em um mundo diferente.
- a. O esforço diário pelas nossas escolas, em todas as situações. Nunca foi fácil sustentar escolas e também não é fácil agora. Mas, se algo se percebe claramente, quando contemplamos a Ordem, é o formidável trabalho que se faz em todos os lugares para mantê-las abertas e cheias de estudantes. Pensemos em todos os desafios que estamos superando: situações sociais e políticas adversas, legislação restritiva, ausência de apoios estatais, dificuldades devido à diminuição da natalidade e, conseqüentemente, do número de estudantes etc. Mas, isso não é novo na nossa história; temos muita experiência lutando por nossas escolas. Devemos continuar.
  - b. E junto com as escolas, e muitas vezes desde elas, o enorme esforço de criatividade missionária que fazemos, criando plataformas educativas diversas e plurais para abordar realidades muito diferentes. Gosto de citar o que tenho visto: escolas em bairros alagados, em barracas ou debaixo de uma árvore frondosa; o Movimento Calasanz nos quatro continentes; projetos pastorais diversos e ricos; resistir e educar em países com ditaduras; internatos que tornam a escola possível para todos; escolas com 90% de muçulmanos ou xintoístas; projetos de segunda oportunidade; apartamentos para jovens acolhidos; casas lares para crianças de rua; escolas esportivas; escolas que se transformam à tarde, para oferecer formação integral aos imigrantes; apartamentos de recepção; projetos de integração para imigrantes que chegam; colônias de verão; tutoria e apoio; escola de tarefas; escolas familiares; escolas de professores; pesquisa incansável sobre inovação educacional; treinamento para voluntários e monitores; cátedras de reflexão pedagógica; publicações; participação na reconstrução do Pacto Educacional Global; formação em direitos das crianças; escolas de paz; bibliotecas; oração contínua; formação para o diálogo inter-religioso; trabalhar com jovens nas prisões; trabalhar com dependentes químicos; programas para proteger meninas e meninos de abusos; a simples presença num bairro de favelas; escolas consolidadas

Sabemos que o mundo pode ser mudado, mas apenas através da educação. Renovemos o nosso compromisso com ela e sigamos em frente. Vamos promover todas as dinâmicas que podem provocar esse tipo de ensino, desde as escolas a tempo integral e desde outras plataformas educativas diversas, todas elas calasâncias.

Passo a um terceiro e último aspecto que quero referir nesta simples reflexão sobre a esperança. **Somos os escolápios, pessoas de esperança, portadores de esperança, geradores de esperança?** Quando olhamos para a Ordem e contemplamos a vida e a missão escolápia no mundo, sentimos alegria, sentimos esperança? Quero contribuir para responder a essa pergunta, oferecendo-lhes alguns sinais de vida e de esperança que vejo nas Escolas Pias, e que é bom nomeá-los e agradecer por eles.



que procuram oferecer propostas renovadas sempre na chave de uma educação integral e de qualidade... e muito mais coisas que são respostas sinceras e honestas ao projeto de Calasanz. Vamos continuar respondendo....

- c. O testemunho dos nossos idosos, portadores de esperança. O ancião que continua animando e esperando, não apenas recordando os tempos passados, é um sinal de profunda esperança para o jovem religioso que tenta viver autenticamente a sua vida escolápia. A fidelidade dos escolápios enviados a países especialmente difíceis para a missão, e que nela continuam sabendo que Deus, no devido tempo, a abençoará. Penso, por exemplo, no Japão. A fidelidade alegre e positiva dos idosos é uma das maiores necessidades dos jovens. E eles agradecem isso profundamente.
- d. A numerosa resposta vocacional de jovens que desejam seguir o caminho de Calasanz e que crescem nas nossas casas de formação com uma visão cada vez mais universal e “em saída”. É verdade que a realidade é muito diversificada dependendo dos contextos dos continentes, mas a Ordem continua a ter vocações, e estas são boas e numerosas.
- e. O esforço das Fraternidades Escolápias para se consolidarem, crescerem e viverem na fidelidade Calasância, bem como o seu profundo desejo de partilhar a missão Escolápia a partir de diversas opções e estruturas, sendo Itaka-Escolápios talvez a mais desenvolvida.
- f. As novas fundações e presenças, promovidas em todas as demarcações, de diversas formas e meios, incluindo fundações em novos países nos quais procuramos simplesmente servir, como sempre fizemos.
- g. O cotidiano das nossas comunidades, daquelas que se esforçam por viver com simplicidade e autenticidade o estilo de vida que assumimos para a nossa profissão. A vida cotidiana é sempre um crisol de vida e esperança.

- h. Não me passou despercebido que, às vezes, visito comunidades e presenças onde não se veem escolápios esperançosos. Uma das razões dessa falta de esperança é, por vezes, a falta de vocações. Em outros, discordâncias com opções ou orientações. Discrepância é uma coisa, falta de esperança é outra. Se faltar isso, o que falta é a fé. Somente através da fé, a esperança é fortalecida. Nunca nos esqueçamos disso.

Recentemente encontrei um escolápico dedicado à formação, num juniorato bastante grande. Ele me disse que tinha esperança e preocupação. Compreendi perfeitamente essa afirmação, que creio que o próprio Calasanz também subscreveria. A esperança não é ingênua, mas realista. Podemos viver uma esperança profundamente realista? Parece uma contradição, mas não é: realismo e esperança não são dinâmicas opostas. O contrário. A esperança nos lança a transformar a realidade, e a realidade nos pede para iluminá-la com projetos e horizontes de renovação. Somos pessoas de esperança se trabalharmos todos os dias para fazer bem as coisas e para dar respostas novas e renovadas, certos de que é vontade de Deus trabalhar para o bem e a felicidade das pessoas.

Quero terminar essa carta convidando-os a rezar, para que sejamos sempre pessoas de esperança. A oração está sempre situada entre a realidade e aquilo que esperamos. Rezar é esperar, porque é confiar naquele que tudo pode. Ensina-nos, Senhor, a esperar na tua bondade e na plenitude das tuas promessas, certos de que te encontraremos quando te buscarmos de todo o coração<sup>2</sup>.

Recebam um abraço fraterno.

*Padre Pedro Aguado Sch.P.  
Padre Geral*

.....  
2.- Jer 29, 13